

União das Freguesias de
Sé, Santa Maria e Meixedo



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Luís Carlos Monteiro

2018



Situado na colina da Nossa Senhora do Sardão, na margem esquerda do rio Fervença, a uma cota de 695 metros de altitude, ergue-se o imponente Castelo de Bragança.

Em 1187, D. Sancho I concede o primeiro foral aos povoadores da vila de Bragança. O monarca troca com o Mosteiro de Castro de Avelãs a herdade de Benquerença, com o intuito de aí fundar uma nova povoação e logo depois, em Março de 1188, concede uma quantia em dinheiro para a construção das suas muralhas.

Segundo Paulo Gomes (1993) esta iniciativa fazia parte de uma estratégia alargada do Rei, que consistia na criação de vilas novas em territórios periféricos do reino, com o intuito de expandir e reforçar a autoridade do poder régio nesses lugares. *“A vila será o lugar da concentração de poder, desenvolvendo-se nela as funções urbanas (...) de concentração de população e construção de um muro de cerca que as individualiza das restantes, aldeias e lugares”*. (Gomes, 1993 p. 171)

Por outro lado, o rei procurava com a criação do burgo, assegurar um controlo mais efetivo da fronteira transmontana. Se traçarmos uma linha reta a partir da Torre de Menagem do Castelo até à fronteira com Espanha, Bragança está a uma distância de 17 km da fronteira Este e a 8 km de distância da fronteira Norte.

Como nos diz o Ten. Cor. António José *Teixeira* (1933, p. 18) *“Não julguemos que estes enegrecidos muros não experimentaram até ao fim do século XIX e ainda no princípio do século XX, a dureza e as agruras das guerras.”*

Com efeito, logo em 1198, D. Sancho I veio à cabeça de um exército libertar o castelo de Bragança, que estava sob cerco pelas forças de D. Afonso IX de Castela.

Talvez por compreender a importância estratégica da fortificação, o rei D. Dinis (1279 – 1325) deu grande incremento aos trabalhos no nosso castelo, dotando-o de um segundo perímetro muralhado, do estilo barbacã, cujos vestígios ainda podemos ver na vertente Norte do acastelamento.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Durante o reinado de D. Afonso IV (1325 – 1357), mais concretamente no mês de Julho de 1326, a região transmontana e a vila de Bragança voltam a ouvir os sons da guerra. D. Afonso Sanches, irmão bastardo do rei, acompanhado pelo infante D. Filipe de Castela, invade o burgo brigantino com um exército, como resposta ao confisco dos seus bens por parte de coroa portuguesa. As hostilidades só foram encerradas com a intervenção da Rainha Santa Isabel, viúva de D. Dinis, quando esta, entrando pela fronteira de Quintanilha após uma peregrinação a S. Tiago de Compostela, pernoita em Bragança, onde a aguardavam muitos fidalgos portugueses para a acompanharem a Trancoso.

Posteriormente, já sob o reinado de D. Fernando I (1367 – 1383), a fortaleza recebe obras de beneficiação, e é também durante este período que Henrique III de Castela, toma Bragança para a coroa espanhola restituindo-a à coroa portuguesa apenas com a assinatura do tratado de Alcoutim, celebrado a 31 de Março de 1371.

Durante a crise de sucessão de 1383 a 1385, aberta pela morte de D. Fernando I sem deixar herdeiro ao trono, a lealdade do alcaide de Bragança, João Afonso Pimentel, vai oscilar entre Portugal e Castela. O que leva D. João I (1385 – 1433), aclamado rei de Portugal e dos Algarves nas cortes de Coimbra em 6 de Abril de 1385, a pedir ao *Contestável* Nuno Álvares Pereira para sitiar Bragança, obrigando o alcaide a reconhecer a sua lealdade à coroa portuguesa.

Mas Bragança, cai mesmo em poder dos castelhanos a 27 de Maio de 1398, não pela força das armas, mas por nova traição do seu alcaide, que entrega a povoação a Castela como represália ao rei português, por não ter feito justiça ao assassinato da sua filha, às mãos do alcaide-mor de Évora. Bragança só voltaria à soberania portuguesa, após a assinatura do tratado de Segóvia em 1400.

A fortificação que hoje temos o privilégio de admirar, foi aliás, mandada erigir por D. João I, corria o ano de 1409 e a obra prolongou-se por mais de trinta anos, abrangendo os reinados de D. Duarte (1433 – 1438) e de D. Afonso V (1438 – 1481). (Alves, 2000 Tomo I p. 261)



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Um século depois, Duarte d'Armas, em 1509, foi incumbido pelo rei D. Manuel I de fazer o levantamento das fortificações próximas da fronteira com Castela. Os desenhos que fez do Castelo de Bragança, são um ótimo vislumbre da grandeza da fortificação na época medieval.

Neles, é-nos apresentado um recinto muralhado com dezoito torres e a segunda linha de muralhas do estilo barbacã, de que falámos anteriormente.

Na vista Leste, no canto direito da gravura, é possível vislumbrar o mosteiro de S. Francisco (datado do séc. XIII) e do lado esquerdo ao fundo, surge destacado o monte do *Sardoal*, onde mais de um século depois, será construído o Forte de São João de Deus. Ainda na mesma imagem, podemos ver do lado direito, junto à Torre de Menagem, o *Paço dos Alcaldes*, que de acordo com a planta do mesmo autor, era um edifício quadrangular com pátio interior e arcaria em um dos lados, que fazia a ligação entre a *Torre de Menagem* e a Torre da Princesa, na vertente norte da fortificação. Chegava a meia altura da Torre de Menagem e no piso superior exibia oito janelas de formato quadrangular.

Na ilustração da vista Oeste, podemos ver que existiam duas igrejas no intramuros, que eram as igrejas de Santa Maria e de S. Tiago, já desaparecida e duas igrejas no extramuros, que são a igreja de S. Vicente e S. João. De facto, o aspeto que mais se destaca desta imagem, é a dimensão considerável que o arrabalde já apresentava naquela época. Segundo informações recolhidas por Francisco Alves (o Abade de Baçal), o surgimento do arrabalde em Bragança é bastante prematuro. Já era feita referencia às duas igrejas no extramuros, nas inquirições levadas a cabo pelo rei D. Afonso III em 1258, e o rei D. Pedro I em 1364, vai conceder novos privilégios aos moradores no interior das muralhas do castelo, como forma de travar o êxodo de população para o arrabalde. (Alves, 2000 Tomo III, doc. 151, p. 304-312); (Alves, 2000 Tomo III, doc. 64 A, p. 138 - 139)



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

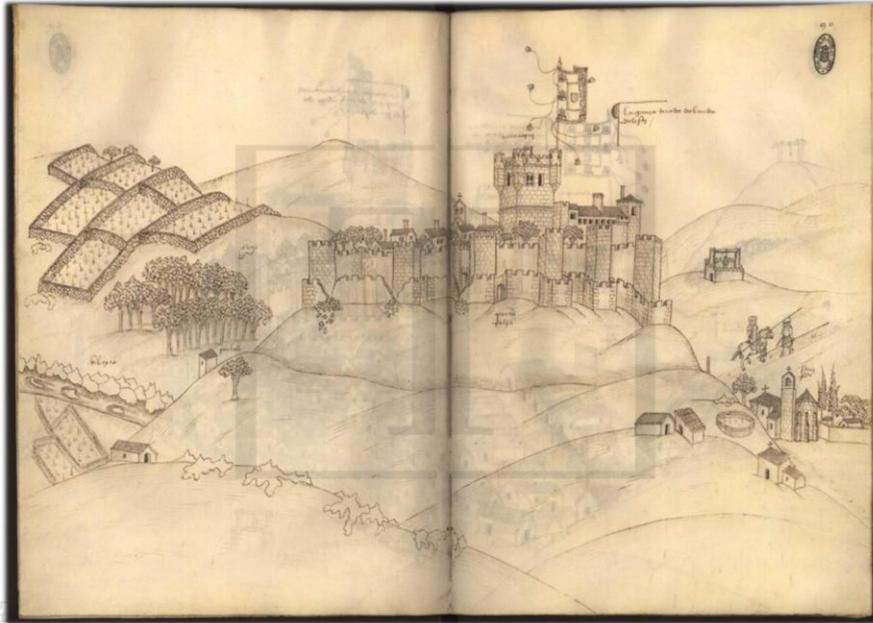


Figura 1: Vista Leste do Castelo de Bragança in Duarte d'Armas – Livro das Fortalezas Situadas no Estremo de Portugal e Castela (1509 e 1510) por João Almeida, Lisboa 1944 – Imagem digitalizada acedida em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>

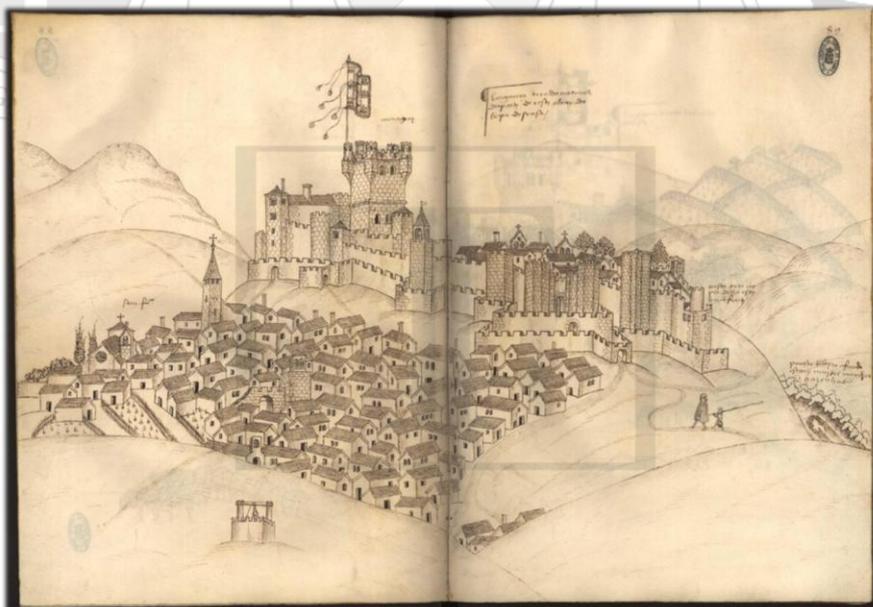


Figura 2: Vista Oeste do Castelo de Bragança in Duarte d'Armas – Livro das Fortalezas Situadas no Estremo de Portugal e Castela (1509 e 1510) por João Almeida, Lisboa 1944 – Imagem digitalizada acedida em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

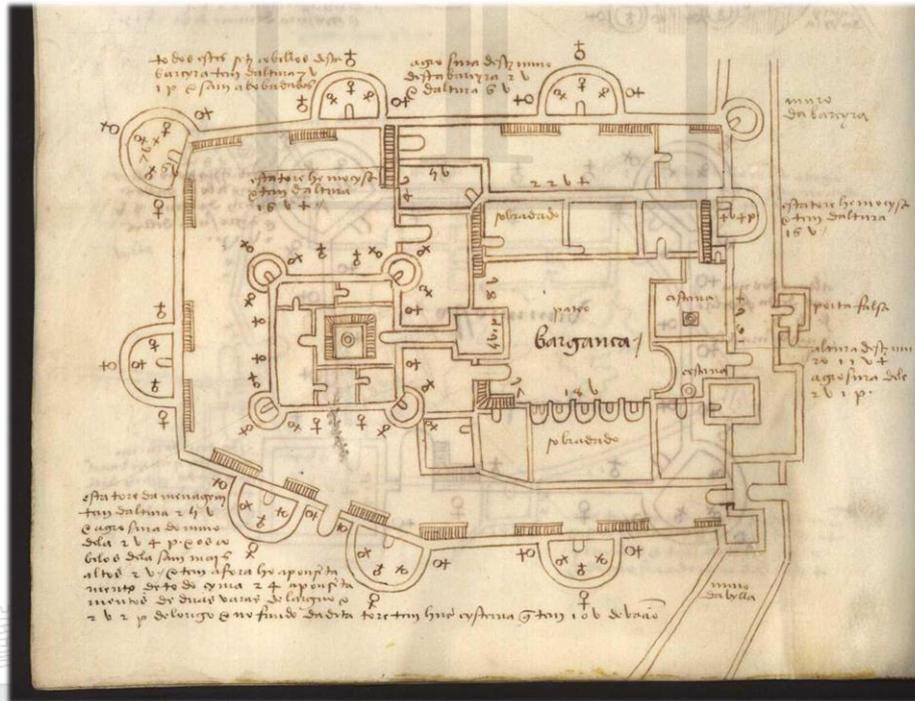


Figura 3: Planta da Fortaleza de Bragança, in Duarte d'Armas – Livro das Fortalezas Situadas no Estremo de Portugal e Castela (1509 e 1510) por João Almeida, Lisboa, 1944 – Imagem digitalizada acedida através do link: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707>

Nas figuras de Duarte d'Armas, não é visível a presença de qualquer muralha a cercar o arrabalde. Mas o Abade de Baçal, nas suas memórias histórico-arqueológicas, alude a um documento por ele encontrado no Arquivo Geral de Simancas em Espanha, datado de 1589, para nos dizer que àquela data, o arrabalde, que entretanto chegava à atual Praça da Sé, já se encontrava cercado por uma estrutura defensiva. Daqui se pode concluir, que muito provavelmente, D. Manuel I, depois de analisar os desenhos de Duarte d'Armas, terá dado ordens para a fortificação do arrabalde.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Ainda referindo-se às informações contidas no dito documento, o Abade de Baçal dá-nos o possível percurso da nova cerca defensiva na seguinte descrição:

“Partindo do convento de S. Francisco onde ligaria à muralha da Cidadela, vinha pouco mais ou menos pelas atuais ruas de S. Francisco, da Alfândega e de Trás (...) até à atual Praça da Sé, onde ficava a Cruz de Pedra, hoje representada pelo belo cruzeiro barroco, que a meio dela se ergue (...) Aqui faria ângulo em direção ao Rio Fervença pela Praça das Eiras, antigamente chamadas Eiras do Arcebispo, até dar no Postigo das Eiras, também dito Calejo ou Travessa do Saco e ainda Rua dos Batocos, no princípio da qual resta um pedaço de muralha de mais de doze metros de comprimento por quatro ou cinco de altura. Contornando esta Rua dos Batocos e no cruzamento com a Rua dos Quartéis, há um pedaço de muralha, bem como no cimo da Rua das Moreirinhas. Aqui infletia, seguindo a crista militar do terreno, pelos quintais das casas desta rua, onde ainda há restos de muralha (...) Marchava seguidamente pela rua do Pontão, na qual ainda se divisam restos de muros, a passar junto à cadeia, lado sul, e, subindo pelos quintais das casas da Costa Grande (lado sul), onde abundam claros vestígios de muralha, ia ligar à cidadela pela altura da Torre do Relógio ou da Câmara.” (Alves, 2000 Tomo IX p. 132)

Com base na descrição anterior, Daniela Rebelo (2008) cartografou o possível percurso da muralha, que se pode ver na imagem seguinte:



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

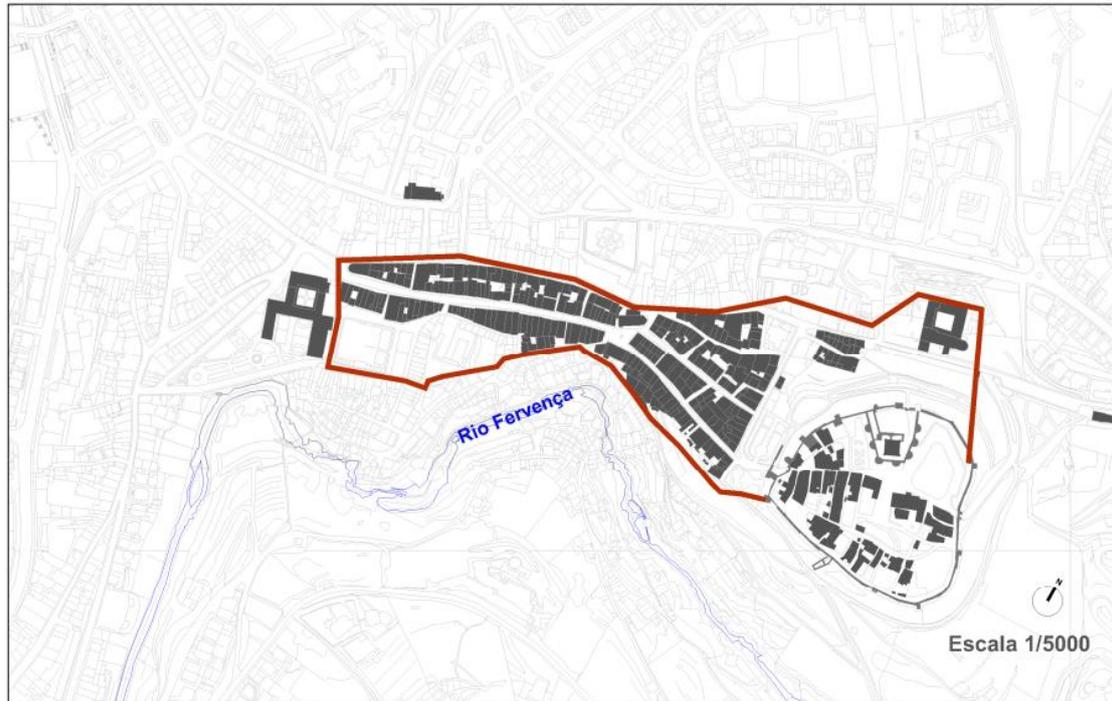


Figura 4: Hipótese do traçado da muralha Manuelina no século XVI, in Daniela Rebelo – Bragança: Transformações Urbanas de uma Cidade (Coimbra, 2008, p. 20)

Com a morte do Rei D. Sebastião, na batalha de Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, abre-se uma nova crise de sucessão em Portugal, e nas cortes de Tomar, em 1581, Filipe II de Espanha, é reconhecido com rei de Portugal. Um ano antes, a 24 de Julho de 1580, entra na cidade de Bragança, João Afonso Pimentel Henrique, o Conde de Benavente, acompanhado do governador da Puebla de Senária, para tomar posse da cidade em nome de Filipe II, mas sem sucesso, pois a guarnição e o povo brigantino amotinam-se, obrigando o conde a fugir.

Em 1640, rebenta a *Guerra da Restauração*, entre Portugal e Espanha, que iria prolongar-se por 28 anos. Dada a proximidade geográfica de Bragança com a fronteira espanhola, em 1653, representantes da cidade de Bragança pedem o auxílio ao rei D. João IV (1640 – 1656), que entretanto havia sido aclamado como o novo rei de Portugal, para o reforço e ampliação do perímetro defensivo da povoação.



Segundo Luís Rodrigues (1995, p. 496 - 497) as preocupações manifestadas pelos cidadãos da cidade, redundaram nos anos que se seguiram, na reconstrução e adaptação das muralhas da cidadela às novas características da artilharia da época; na construção de uma nova muralha abaluartada, que se pretendia que envolvesse a povoação na sua totalidade, mas que se pensa nunca ter sido totalmente concluída, e na construção do Forte São João de Deus, na periferia ocidental da cidade. O mesmo autor, refere vários documentos por ele consultados, para nos dar a conhecer o traçado da muralha abaluartada:

“Este recinto fortificado corria desde o castelo (parte sul), envolvendo os conventos de S. Francisco e S. Bento, apontando em direção ao convento de Santa Clara, que rodeava, e chegava ao Tournal no lugar do atual cemitério. Daí descia pela atual rua 5 de Outubro, tomando, a meio, a direção do rio Fervença para se ligar aos Batocos. Deste ponto seguia em direção à cadeia, no largo de S. Vicente, e acompanhando o Caminho da Vila ligava novamente ao castelo”. (Rodrigues, 1995 p. 516)

A partir da mesma descrição, Daniela Rebelo (2008) cartografou o traçado da nova muralha abaluartada, que podemos ver na página seguinte:



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

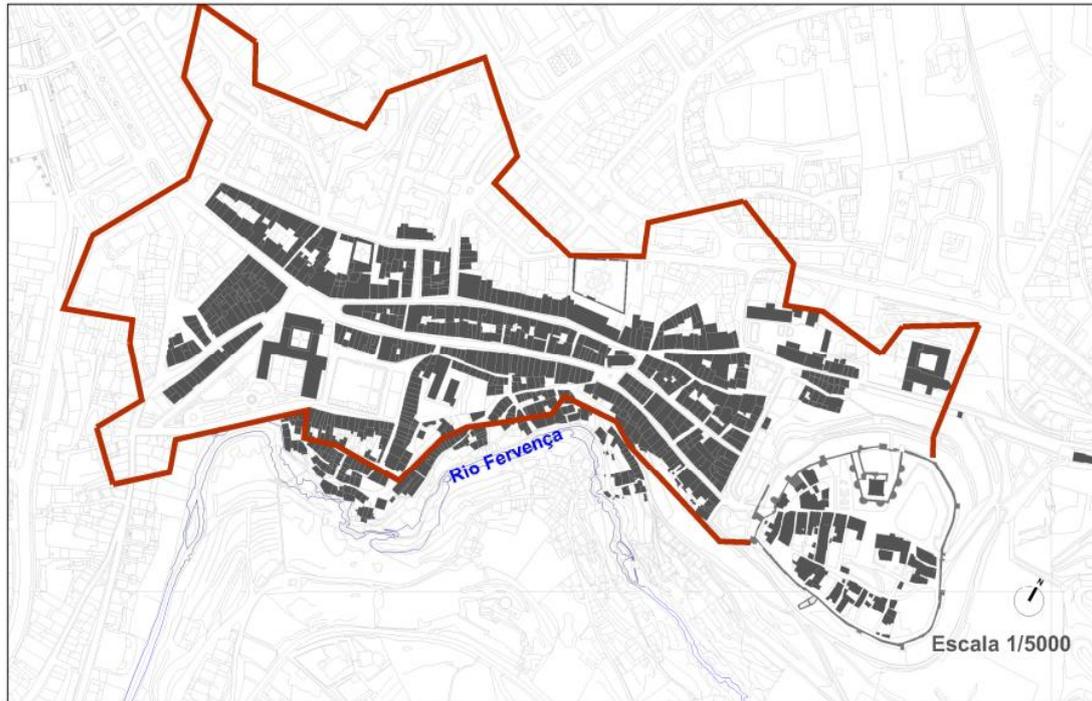


Figura 5: Hipótese do traçado da muralha setecentista - in Daniela Rebelo – Bragança: Transformações Urbanas de uma Cidade (Coimbra, 2008 p. 24)

Um plano muito interessante das muralhas abaluartadas da cidade, pode ser visto em uma planta de 1640, de autor desconhecido, que consta no acervo do Arquivo Militar de Estocolmo, e que se reproduz em seguida:



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

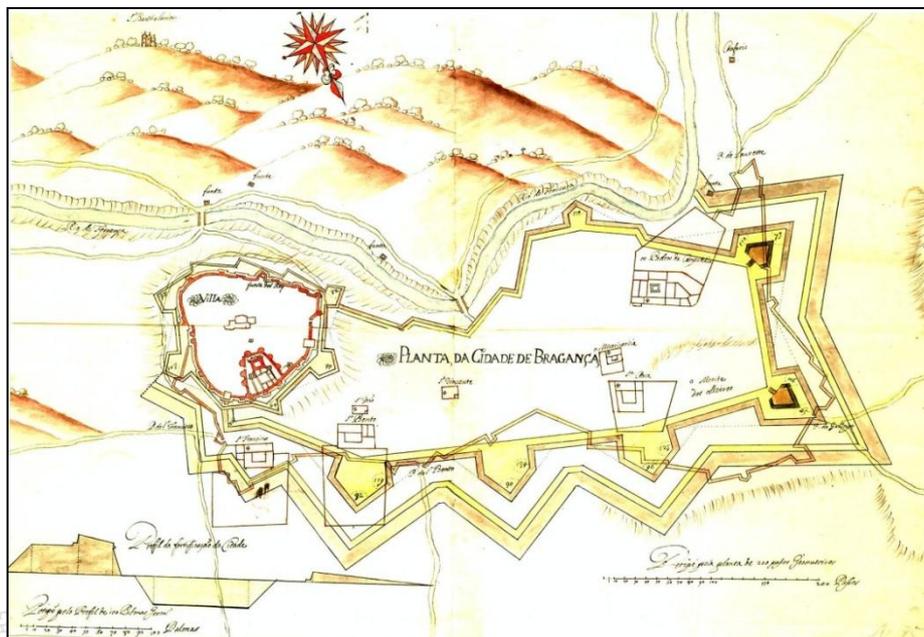


Figura 6: Planta da Cidade de Bragança, de 1640. Autor desconhecido. Arquivo Militar de Estocolmo – Imagem editada e reproduzida pelo blog 4Gatos.es, pode ser acedida em: http://www.4gatos.es/MemoriaAusente/mapas/167_Braganza_SPF.htm

A 9 de Maio de 1762, Portugal é invadido por um exército franco-espanhol, pela fronteira de Trás-os-Montes, e as povoações de Miranda, Bragança e Chaves são conquistadas. Este episódio, que por cá ficaria conhecido como a *Guerra Fantástica, do Mirandum, ou do Pacto de Família*, marca a entrada de Portugal, na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), e em Bragança, resultaria na destruição de grande parte da muralha abaluartada da cidade e do Forte S. João de Deus.

Uma planta da cidade de 1801, da autoria de Luís Gomes de Carvalho, capitão do Corpo Real dos Engenheiros, mostra que à aquela data apenas estavam de pé alguns troços da muralha abaluartada nas vertentes Norte e Sul da cidade, o autor aponta também, para o elevado estado de degradação do Forte de S. João de Deus escrevendo mesmo a frase: “*não se conservão mais as paredes que vão arruinar-se*”, no desenho do forte.

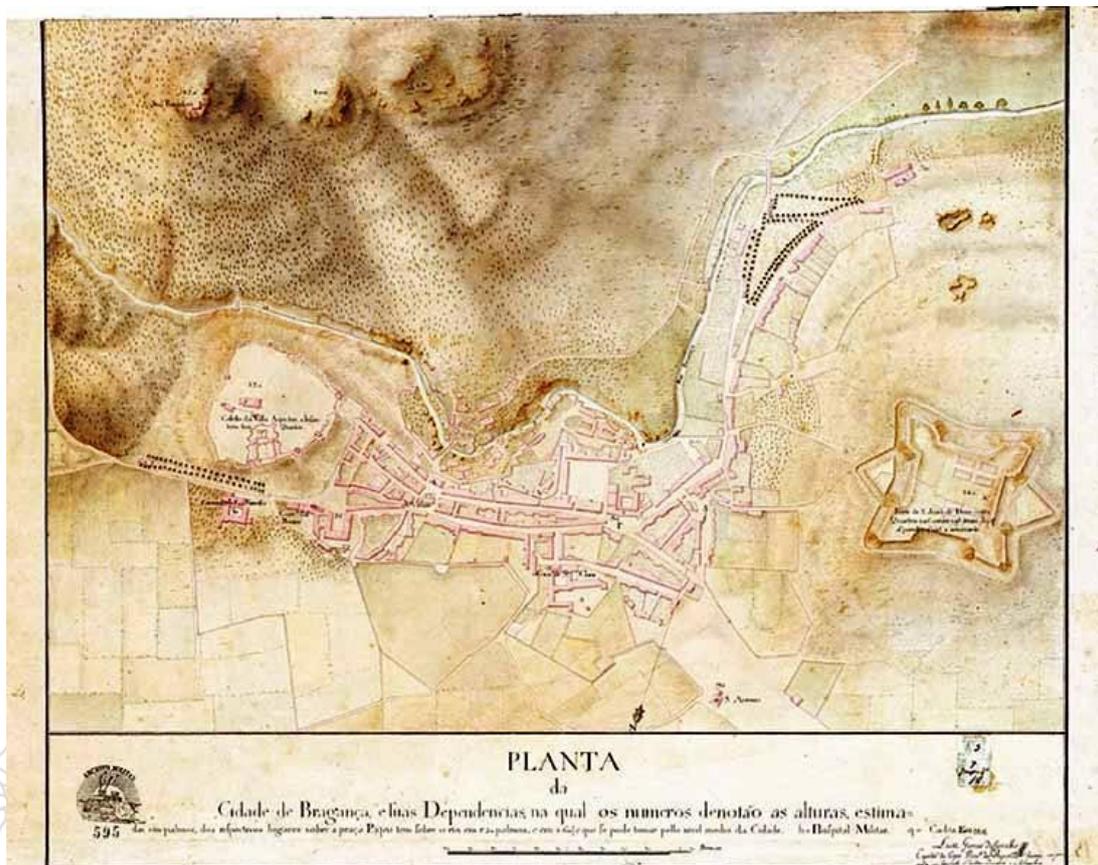


Figura 7: Planta da Cidade de Bragança e suas dependências de 1801. Autor: Capitão Luís Gomes de Carvalho. Corpo Real de Engenheiros – Imagem digitalizada, pode ser acedida através do link: https://www.igeoe.pt/ExposicoesVirtuais/portugalliae_civitates/imgs/braganca1.jpg

Em 1791, é elaborado o projeto para a construção do novo Quartel do Regimento de Infantaria de Bragança, da autoria do tenente-coronel engenheiro José Morais Antas de Machado, e o local escolhido foi a cidadela.

Segundo Luís Rodrigues (1995, p. 582) as obras de construção do quartel devem ter tido o seu início, depois de 1806. A muralha do lado nascente da fortificação é demolida e os seus materiais utilizados para nova construção. A Torre de Menagem e o pano de muros e cubelos que a cingem, também são aproveitados para acomodar o novo aquartelamento.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 9: Vista Sul da Terre de Menagem do Castelo de Bragança e entrada do Quartel Militar, em 1964 s. a. – imagem retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 10: Vista Este do Castelo de Bragança e do Quartel de Infantaria Nº 10, anterior a 1920 – s. a. retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 11: Vista para a praça de armas do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 12: Vista aérea do Castelo de Bragança e do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, s.a, s.d. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Com a chegada do Estado Novo (1933 – 1975), os monumentos nacionais, vão ser alvo de atenção redobrada. Logo em 1929, é criada a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que tinha como competência, a realização de obras de restauro e manutenção nos monumentos classificados.

O que se pretendia, era que os monumentos nacionais fossem instrumentos de exaltação patriótica e do orgulho nacional, constituindo-se como verdadeiros exemplos da grandeza da nação, e testemunhos da glória do passado, que se desejava transportar para o presente.

É neste contexto que a DGEMN vai proceder a inúmeras intervenções nos castelos portugueses, e o Castelo de Bragança não foi exceção.

Estas intervenções, passavam por recuperar a traça original do monumento. A DGEMN privilegiava a unidade de estilo e a antiguidade do imóvel, procedendo ao restauro integral dos edifícios, o que resultava muitas vezes na *“reinvenção literal de partes do monumento em falta ou entretanto transformados”*. (Almeida, 2012 p. 43)

As intervenções da DGEMN, não se ficavam apenas pelo monumento em si, mas também atuavam ao nível sua envolvente. Procuravam reforçar a imagem, beleza estética e grandeza, através da criação de quadros edílicos à volta do monumento. Para isso, recorria muitas vezes à expropriação de terrenos e habitações, nas imediações dos monumentos, para depois proceder à sua limpeza e demolição, de forma a desobstruir o campo de visão do monumento. (Almeida, 2012 p. 41)

No que respeita ao Castelo de Bragança, este foi diversas vezes intervencionado pela DGEMN a partir dos anos 30 do século passado. Sendo que o período em que se realizaram mais intervenções de fundo no monumento, foi a década de 60, sobretudo com a demolição do Quartel do Batalhão de Caçadores 3 em 1964. As demolições contemplaram também muitos dos edifícios que circundavam a Torre de Menagem, a Igreja de Santa Maria e a Domus Municipalis.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Citando João Jacob (1997, p. 73), as obras de reconstrução do castelo aconteceram da seguinte forma:

“Primeiramente, procedeu-se ao arranjo das vertentes norte e poente; depois seguiu-se o lado sul e só muito mais tarde se reconstruiu a parte nascente após a demolição do antigo quartel. Este restauro das muralhas, bastante profundo e prolongado, optou por reestabelecer as ameias que tinham sido retiradas durante a Guerra da Aclamação para permitir maior eficácia da artilharia, conservou dez das dezasseis torres primitivas e refez todo o antigo traçado à exceção da barbacã, reconvertendo, ainda, na sua antiga estrutura, a chamada Torre do Relógio ou da Câmara, adulterada no final do século XVII, e cuja grimpá ou catavento foi apeada em 1933, data deste restauro, encontrando-se, provavelmente desde essa data, no Museu do Abade de Baçal”.



Figura 13: Obras de demolição do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 14: Demolição do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 15: Demolição do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 16: Estaleiro das obras após a demolição do Quartel do Batalhão de Caçadores Nº 3, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 17: Obras de restauro nos cubelos que cingem a Torre de Menagem, em 1964, foto de José da Silva Marques – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 18: Reconstrução dos cubelos que circundam a Torre de Menagem do Castelo de Bragança em 1965, s. a. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>

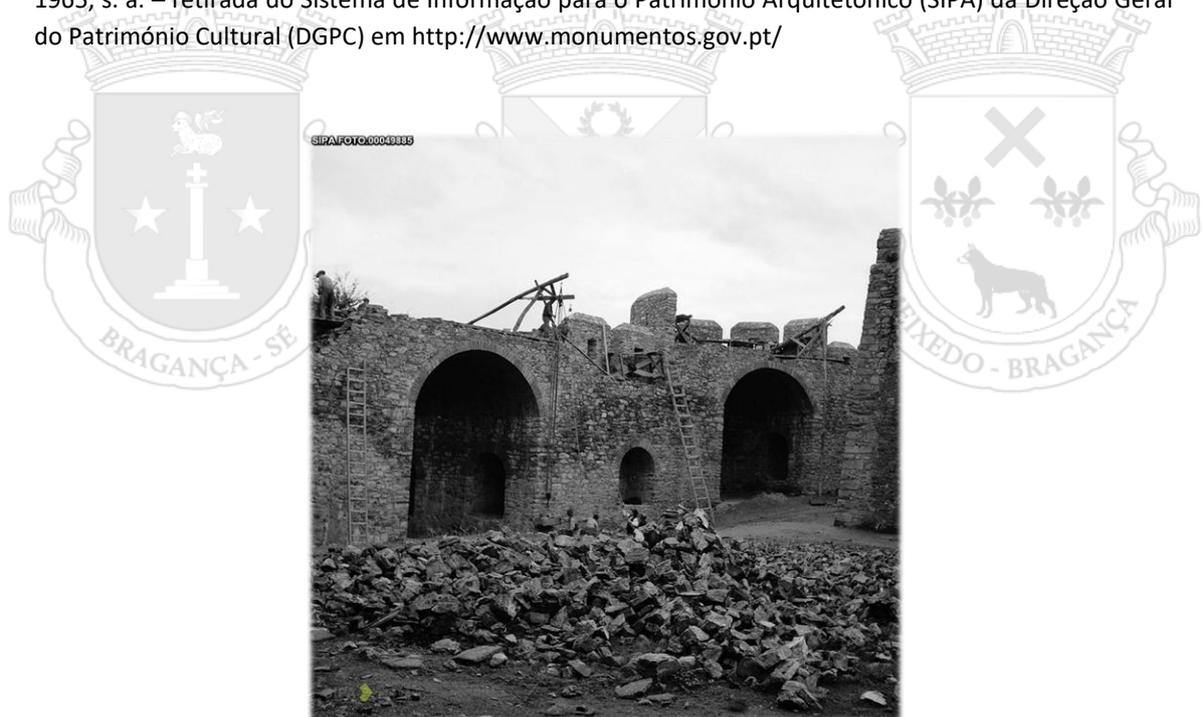


Figura 19: Reconstrução dos cubelos que circundam a Torre de Menagem do Castelo de Bragança em 1965, s. a. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 20: Obras de restauro junto à Porta da Traição em 1965, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 21: Obras de restauro das muralhas do lado Nascente em 1965, foto de Amadeu Astorga – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 22: Obras de restauro dos torreões da Porta do Sol em 1965, s. a. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 23: Restauro das muralhas do lado Nascente em 1966, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Classificado como Monumento Nacional pelo Dec. de 16-6-1910, o castelo que hoje se oferece aos nossos olhos, ocupa uma área de 3,2 hectares e tem um perímetro aproximado de 670 metros. Possui uma Torre de Menagem, e o seu pano muralhado, de traçado oval irregular, é recortado por ameias com formato piramidal e pontuado por 23 torres, das quais: 10 são cubelos; 2 têm planta hexagonal e 11 têm formato quadrangular.

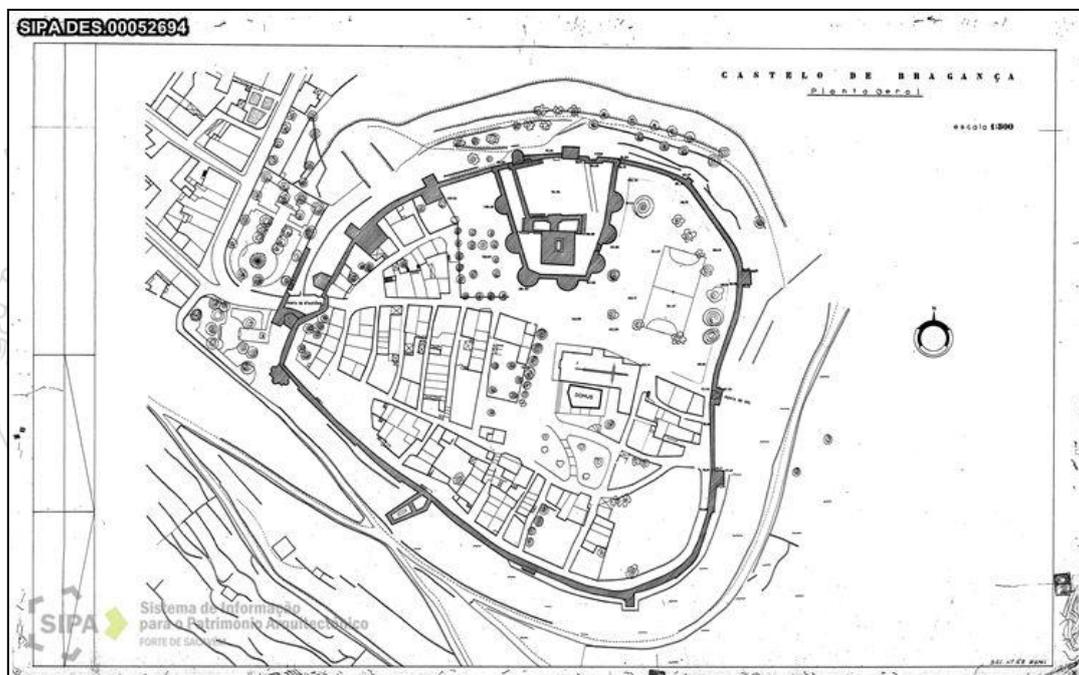


Figura 24: Planta do Castelo de Bragança, na atualidade – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 25: Vista Sul do Castelo de Bragança em 2017, foto de Luís Monteiro.

A entrada principal fica do lado poente da fortaleza e é conhecida como *Porta da Vila*. Trata-se de uma abertura em ogiva feita numa pequena barbacã. A cerca de 15 metros, segue-se outra porta conhecida como *Porta de Santo António*, por possuir uma imagem do santo do lado interior. Trata-se de uma porta em arco perfeito, ladeada por dois torreões de planta hexagonal. Esta porta dá acesso à rua principal, conhecida entre os populares como *Rua da Frente* e que foi recentemente rebatizada pela Câmara Municipal, como Rua D. Fernão o Bravo. Esta rua divide a cidadela ao meio passando em frente da Torre de Menagem e da Igreja de Santa Maria, vai ligar à porta do lado nascente conhecida como *Porta do Sol*. Existe ainda uma terceira porta na vertente Norte da fortificação, junto à Torre da Princesa, conhecida como *Porta da Traição*.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figuras 26 e 27: Porta da Vila (à esquerda) e Porta de Santo António (à direita), perspetiva de quem entra. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



Figura 28: Porta de Santo António (primeiro) e Porta da Vila (ao fundo), perspetiva de quem sai. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

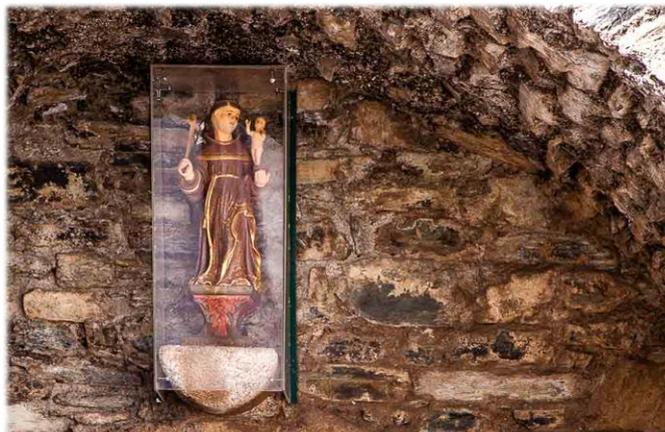


Figura 29: Imagem de Santo António, Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



Figura 30: A Porta de Santo António (primeiro) e Porta da Vila (ao fundo), em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 31 e 32: Porta do Sol (à esquerda) e Porta da Traição (à direita) perspectiva de quem entra. Fotos de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018

A planta do burgo é marcadamente medieval irregular, ao eixo principal, (Rua D. Fernão o Bravo) ligam de forma perpendicular, ruas secundárias, mais pequenas e estreitas, que seguem a topografia do terreno. O edificado também é marcadamente medieval, a maioria das casas não tem mais de dois pisos. Quer pela análise dos desenhos de Duarte D'Armas, quer pelas fotos das demolições que foram levadas a cabo nas obras de restauro do castelo na década de 60, podemos supor que o número de edifícios e pequenos quintais, na época medieval, no interior do recinto, seria bem maior do que aqueles que existem na atualidade.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 33: Vista da Rua D. Fernão o Bravo, a partir das muralhas do lado poente. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



Figura 34: Casas da cidadela e Torre de Menagem, vistas a partir das muralhas. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figuras 35 e 36: Ruas perpendiculares à Rua D. Fernão o Bravo. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.

O principal destaque da fortificação vai para a sua singular *Torre de Menagem*, considerada uma das mais belas do país. De base quadrangular, tem 17 metros de largura e 33 metros de altura. Os materiais aplicados na sua construção são a alvenaria de xisto e o granito nos cunhais, janelas e ameias.

É coroada por ameias com seteiras cruzadas, um balcão com mata-cães na face virada a Norte (para proteger a porta de entrada), e quatro belos miradouros ou mirantes cilíndricos rematam os cantos, que como nos diz o Ten. Cor. António José Teixeira (1933, p. 15) de tão artísticos e bem proporcionados, mais parecem ser destinados a ornamentar e adornar, do que a guardar e defender.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 37: Torre de Menagem do Castelo de Bragança. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



Figura 38: Torre de Menagem do Castelo de Bragança. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 39: Torre de Menagem do Castelo de Bragança. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



Figura 40: Vista sobre a Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

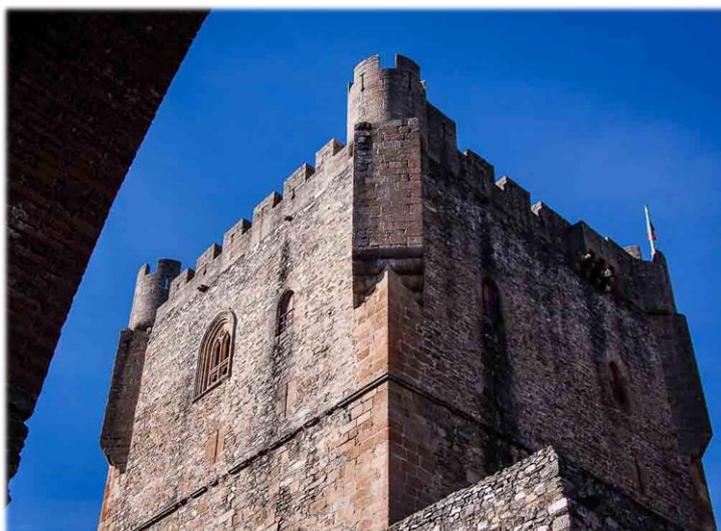


Figura 41: Vista sobre a Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



Figura 42 e 43: Mirantes da Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Na face Leste e Sul, podemos apreciar duas magníficas janelas góticas maneladas, bipartidas por pinázios encimados por ornatos radiantes e rosáceos. A presença nesta face, da pedra de aramas da Casa de Avis, serve para atestar que a construção da torre foi levada a cabo durante o reinado de D. João I (1385 -1433). Eduardo de Carvalho (cit. Jacob, 1997 p. 70) descortinou aliás, influência da arquitetura gótica inglesa na sua construção, relembrando para o caso, a visita a Bragança, do duque de Lencastre, aquando da celebração do Tratado de Babe a 26 de Março de 1387, por isso, o início da sua construção terá acontecido em data posterior.

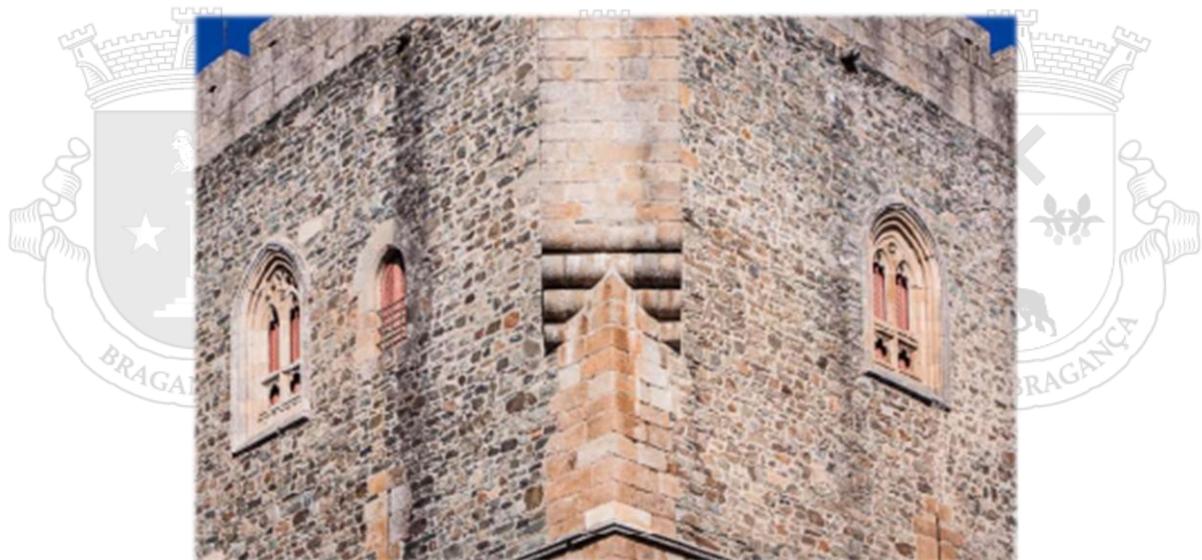


Figura 44: Janelas góticas manuelinas da Torre de Menagem do Castelo de Bragança. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

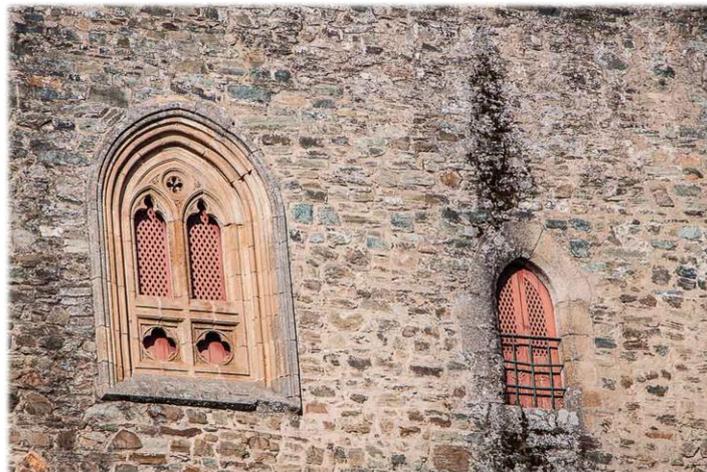


Figura 45: Pormenor das janelas góticas da face Leste da Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



Figura 46 e 47: Janela gótica e brasão de armas da Casa de Avis, na face Sul da Torre de Menagem. Fotos de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Na atualidade, o acesso faz-se pela face voltada a Norte, através de uma escada externa em alvenaria de xisto adossada à couraça da Torre. Subindo as escadas acedemos a um balcão e deste, por um passadiço em cantaria, à porta de entrada em abóbada de berço protegida por guarda-vento de madeira envidraçada. Mas primitivamente o acesso era feito através de uma ponte levadiça em plano mais elevado.



Figura 48: Escadas de acesso à Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



Figura 49: Vista sobre o pátio da Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 50: Porta de entrada na Torre de Menagem. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018

Passando a porta da entrada, encontramos um pequeno pátio de forma retangular irregular, coberto por uma ampla claraboia, com estrutura em ferro e vidro martelado e aramado, à volta do qual se desenvolvem as escadas com guarda plena de cantaria que dão acesso aos quatro pisos superiores e ao terraço.

À direita da entrada, temos um compartimento iluminado por uma janela ogival, onde se encontra uma abertura circular, por onde desce uma escada de granito em caracol até à cripta onde seria a masmorra, trata-se de um compartimento poligonal de dimensões regulares e teto abobadado. Ainda no rés-do-chão á esquerda da entrada, temos uma pequena divisão que dá acesso à cisterna da torre.

No exterior, a Torre de Menagem é ladeada por sete magníficos cubelos (três a Leste, três a Oeste e um a Sul) de planta circular, abobadados a tijolo, que vão reunir-se com o pano de muralhas na vertente Norte.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 51 e 52: Interior de um dos cubelos que rodeiam a Torre de Menagem (à esquerda) e vista sobre os cubelos, a partir do topo da Torre de Menagem (à direita). Fotos de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018

A cerca de 25 metros da Torre de Menagem, adossada ao pano Norte das muralhas, ergue-se, uma torre de formato quadrangular e rematada no topo por um telhado com chaminé, que é conhecida pelos populares, como a *Torre da Princesa*.

Muitas têm sido as lendas que se têm criado à volta desta torre, mas analisando mais uma vez, os desenhos de Duarte D'Armas, percebe-se que esta estrutura, era parte integrante do edifício do *Paço dos Alcaldes* (entretanto desaparecido), e destinar-se-ia a servir de aposentos para os hóspedes do Castelo. Assim se justifica a presença na sua face voltada a sul, de quatro portas nos pisos superiores, hoje sem acesso pelo exterior.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 53: Torre da Princesa, face Sul. Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



Figura 54: Torre da Princesa, face Norte, no exterior do recinto muralhado, Foto de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Atualmente, o Museu Militar de Bragança (criado oficialmente em 1983), ocupa os quatro pisos, as dezasseis salas, terraço e cripta da Torre de Menagem, bem como todo o espaço exterior que é ladeado pelos cubelos, incluindo a Torre da Princesa.

Para além da Torre de Menagem e da Torre da Princesa, outra torre igualmente singular, se distingue das muralhas do Castelo de Bragança, é denominada por *Torre do Relógio* e fica situada à direita da Porta da Vila.

Destinava-se a guardar as portas de entrada na cidadela e todo o vale do rio Fervença. A respeito desta torre, na sua descrição topográfica, Joseph Borges (cit. Ten. Cor. António José Teixeira, 1933 p. 9) diz-nos que, era primitivamente quadrangular e para a tornarem mais forte, uniram-lhe três contrafortes circulares, acrescentando-lhe ainda uma “*tourelle*” em granito. Em 1681, foi adaptada a torre sineira, colocando lá os sinos que estavam na igreja de S. Tiago, e que agora estão na torre da Sé, e em 1690, a câmara municipal mandou lá colocar, um relógio (daí o seu nome) que posteriormente foi retirado, e agora encontra-se no Museu Abade de Baçal.

Esta torre foi, ao longo do século XX, diversas vezes intervencionada. A julgar pelas informações disponibilizadas pelo SIPA, as intervenções começaram em 1933, sendo a última realizada em 1964, a que lhe deu o seu aspeto atual e definitivo.

No início dos anos noventa, a torre foi encerrada ao público, porque no topo foi colocada, uma antena de TV parabólica, que emite sinal para todos os residentes, no interior das muralhas.



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

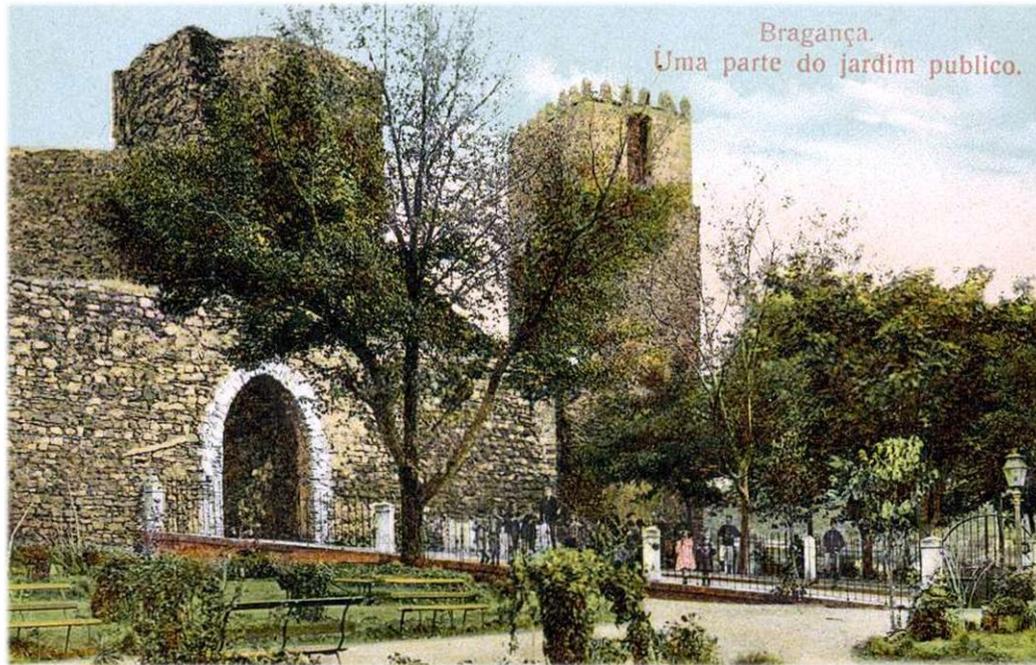


Figura 55: Porta da Vila e Torre do Relógio, vista a partir do Jardim Público, gravura postal do início do século XX, pertencente à coleção particular de Aurélio Dinis Marta disponível em: http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais/BragancaPostais/006_Braganca.jpg



Figura 56: Obras de restauro da Torre do Relógio em 1948, s. a. – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em: <http://www.monumentos.gov.pt/>



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA



Figura 57: Obras de restauro da Torre do Relógio, e do adarve das muralhas do lado Sul da fortificação, em 1964, foto de José Marques Abreu Júnior – retirada do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em: <http://www.monumentos.gov.pt/>



Figura 58 e 59: Torre do Relógio, Fotos de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018



UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE BRAGANÇA

Na vertente Sul do recinto muralhado, encontramos também, o postigo do *Poço do Rei*. Trata-se de uma de estrutura retangular irregular ameada, que se pensa ter sido mandada erigir durante o reinado de D. Afonso V (1438 – 1481) para proteger uma cisterna. Foi reconstruído nos anos 40 do século passado, e como nos diz Pêra Fernandes (2008, p. 22), a crença popular também teceu pródigas fantasias à cerca deste poço, dizia-se que não tinha fundo ou que dava acesso a um conjunto de tuneis, que em caso de emergência, iam dar ao rio Fervença.



Figura 60 e 61: Poço do Rei, Fotos de Guilherme Moutinho, UFSSMM, 2018

As palavras anteriores, são sempre insuficientes, para fazer justiça, a um dos mais belos, e bem conservados castelos de Portugal. Entrar nos seus domínios, é fazer uma viagem ao passado, é encontrar um lugar à parte, protegido pelas suas muralhas da azáfama da cidade, que cresceu aos seus pés. As suas pedras vivenciaram, atos heroicos, traições, rebeliões e guerras. São o testemunho da força de vontade, perseverança e nobreza de espírito, do povo brigantino.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Ana Sofia Fernandes de – *Intervenção Contemporânea nos Castelos em Portugal. Dois Casos de Estudo, S. Jorge e Pombal*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado.

ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – *Memórias Arqueológico-Históricas de Bragança*. Tomos I, II, III, IX (ed. 2000) Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu Abade de Baçal.

GOMES, Paulo Dordio – *O Povoamento Medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras Impressões e Hipóteses de Trabalho. Arqueologia Medieval*. Vol. 3, (1993), p. 171 - 190. [Acedido a 14 de Fev. 2018] Disponível na Internet: https://www.academia.edu/1449423/O_Povoamento_Medieval_em_Tr%C3%A1s-os-Montes_e_no_Alto

JACOB, João Manuel Neto – *Bragança*. In: *Cidades e Vilas de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997, vol. 22.

PÊRA FERNADES, José Augusto de – *O Sumo das Pedras de Bragança*. 1ª ed. Bragança: Freguesia de Santa Maria, 2008.

REBELO, Daniela de Almeida – *Bragança, Transformações Urbanas de uma Cidade*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2008. Prova Final de Licenciatura.

RODRIGUES, Luís Alexandre – *Bragança no século XVIII, Urbanismo, Arquitetura*. Vol. 1 e 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995. Dissertação de Mestrado.

TEIXEIRA, António José (Ten. Cor.) – *O Castelo de Bragança: Notas Histórico-Descritivas* (1933). Publicação do Museu Militar de Bragança, 2008.